

FMI e Bird terão de sustentar Plano Brady

O governo dos EUA quer US\$ 24 bilhões das duas instituições para combater dívida externa

MOISÉS RABINOVICI
Correspondente

WASHINGTON — O governo americano espera que o FMI e o Banco Mundial contribuam com US\$ 24 bilhões, durante três anos, para tornar viável o seu plano de redução da dívida externa do Terceiro Mundo. O assunto deverá ser debatido, de sexta-feira até 4 de abril, em Washington, pelos ministros de finanças do Grupo dos 24 — que representa os países em desenvolvimento da África, Ásia, América Latina e Caribe — e também pelo Grupo dos 10 dos países mais industrializados do mundo.

O subsecretário do Tesouro, David Mulford, tinha previsto que seria necessário entre US\$ 20 bilhões e 25 bilhões do FMI e Banco Mundial, quando foi ao congresso apresentar o Plano Brady há duas semanas. Agora, com cálculos mais precisos, a previsão é a de que cada instituição tenha de reunir US\$ 6 bilhões dos empréstimos normais aos países devedores, e mais US\$ 6 bilhões em dinheiro novo, durante três anos. Funcionários do FMI e do Banco Mundial comentam que estes US\$ 24 bi-

lhões serão insuficientes para possibilitar a redução de 20% na dívida de 39 países devedores.

O Wall Street Journal de ontem, afirmou que o governo dos Estados Unidos está contra a injeção de qualquer dinheiro dos contribuintes americanos no processo de redução da dívida. Uma de suas fontes antecipa que poderá ser necessário obter um suplemento de dinheiro da Europa, além do que foi prometido pelo Japão. O Departamento do Tesouro acredita que o Banco Mundial será capaz de entrar com sua parte, US\$ 12 bilhões, sem problemas, por causa do aumento de capital que recebeu em 1988. Já o FMI terá de obter um acordo de princípio para um grande aumento. Embora esteja com reservas de US\$ 40 bilhões em ouro e outros US\$ 40 bilhões em recursos líquidos.

MERCADO PESSIMISTA

A reunião do Banco Mundial e FMI, no fim de semana, poderá endossar o Plano Brady, que ainda continua a ser tratado apenas como uma série de idéias e sugestões dentro do próprio governo americano. "Quando estiver completo, ele beneficiará, principalmente, o México, e talvez a Venezuela", disse ontem o representante de uma importante corretora que opera no mercado secundário de títulos. Para ele, "o mercado está muito pessimista com o plano de redução da dívida".

Os valores das dívidas de vários países começaram a baixar no mercado secundário, depois de fecharem em alta, por falta de vendedores, na sexta-feira. A dívida brasileira, cotada a 27 centavos de cada dólar, subiu para 32.25, mas já caía ontem para 30 centavos.

"Brasil, México e Venezuela deverão ficar com seus papéis cotados entre 30 e 35%", disse um corretor. A queda menor, ontem, dos títulos era da dívida mexicana, que pulou de 35 centavos para 40.50, e baixou depois para 40. "Os preços estão muito voláteis, com o mercado nervoso", explicou Manuel Mejia, da corretora Merrill Lynch. "Os bancos não estão em posição de partir para a redução voluntária, embora reconheçam que a dívida não valha mais os 100% de seu valor de face", disse um outro corretor.

O Wall Street Journal afirmou também que a boa vontade dos bancos credores em reduzir a dívida vai depender muito das decisões regulatórias e contábeis que são esperadas nos Estados Unidos, Japão, Alemanha Ocidental e alguns outros países. Para o governo americano, a questão é delicada: o Banco Central, com sua posição conservadora, está resistindo às mudanças de regulamentos e entrando em choque com o Departamento do Tesouro.